

RECURSOS NATURAIS – USO DO SOLO E VEGETAÇÃO

Diversidade Biológica e Potencialidades de Uso em Portugal e Brasil. Casos de estudo.

VI Fórum Brasileiro do Semiárido. 19 - 23 de fevereiro 2024, Sobral, Ceará, Brasil

Marízia Clara de Menezes Dias Pereira

Professora Auxiliar, Escola de Ciências e Tecnologia, Universidade de Évora, Portugal
mariziacmdp3@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

O Alentejo situa-se no sul de Portugal, entre o rio Tejo e o Algarve, tendo como fronteiras, a Este a Espanha e a Oeste, o oceano Atlântico. É uma extensa região, essencialmente rural e escassamente povoada, com cerca de 31 603 km², aproximadamente 29% da superfície total do país. Segundo a classificação de *Koppen*, insere-se no tipo Csa, um clima temperado com verões secos, quentes e longos, com grande probabilidade de ocorrência de períodos muito quentes e secos e consequentemente de desertificação. O relevo é caracterizado pela peneplanície, com algumas elevações de baixa altitude e dispersas.

Em tempos remotos, é provável que o Alentejo estaria dominado por grandes manchas de carvalhais (*Quercus* spp.), com clareiras relvasas que alimentariam os animais herbívoros que povoariam o território. As alterações/degradações que a floresta primitiva sofreu ao longo dos tempos, foi devido à ação antrópica, dando origem a uma paisagem dominada por árvores dispersas ou alinhadas, resultantes da regeneração natural e/ou sementeira/plantação, num mosaico de produção arvense (searas, pastagens e forragens), manchas de bosquetes, matagais, olivais e matos.

O montado, adveio da redução da estrutura e da biodiversidade da floresta mediterrânica, transformada num sistema agro-silvo-pastoril, associada a grande exploração fundiária. A ação antrópica mais ou menos intensiva nesta paisagem, foi e é essencial para a sua manutenção. Sem a intervenção do homem, este ecossistema seminatural evoluiria, passaria por várias etapas progressivas até atingir uma formação florestal, próxima do clímax. Com base na estrutura, na dominância das duas espécies diretrizes, o sobreiro (*Quercus suber* L.) e a azinheira (*Quercus rotundifolia* Lam.) e na distribuição geográfica, distingue-se vários tipos de montado, tendo em conta a sua origem: *i*) Povoamentos puros e mistos com árvores de diferentes idades; *ii*) Regeneração natural de áreas que foram utilizadas para a agricultura; e *iii*) Regeneração artificial, com sementeiras e plantações. As tipologias de montado, a geomorfologia e os solos, originam padrões e mosaicos de uso do solo que contribuem para a elevada diversidade paisagística.

O sobreiro (*Quercus suber* L.) e a azinheira (*Quercus rotundifolia* Lam.), são carvalhos do género *Quercus* L. da família botânica *Fagaceae*. Têm o ótimo ecológico no sudoeste da Península Ibérica e a atual área de distribuição está circunscrita à região ocidental da Bacia Mediterrânica que integra uma estreita faixa do litoral do norte de África, do sul de França, da costa ocidental da Itália e o sul da Península Ibérica. O sobreiro, designado como árvore nacional a 22/12/2011 (Resolução da Assembleia da República nº 15/2012) e a azinheira (*Quercus rotundifolia*), são espécies protegidas ao abrigo do Decreto-Lei nº 155/2004, de 30 de Junho. D.R. nº 152, Série I-A. São bioindicadoras do habitat 6310 Montados de *Quercus* spp. de folha perene da Rede Natura 2000, com maior representatividade na serra de Monfurado (concelhos de Évora e de Montemor-o-Novo). Dominam os montados puros de sobreiro e de azinheira e, em vales e encostas com microclima mais fresco e húmido, os mistos com outras *Quercus*, o carvalho-português [*Quercus faginea* subsp. *broteroi* (Coutinho) A. Camus] e o carvalho-negral (*Quercus pyrenaica* Willd.). Nas grandes extensões dos montados, a vegetação herbácea é dominante no subcoberto e serve de pastagem natural para o gado bovino, ovino e suíno. O abandono do sistema tradicional agro-silvo-pastoril, proporciona o início de uma sucessão ecológica progressiva, com ocorrência de espécies arbustivas, em manchas e/ou grupos. O montado assegura a produção direta de produtos de elevado valor económico, a cortiça, a bolota, a lenha e outros produtos não-lenhosos (mel, cinegética, cogumelos, frutos silvestres, espargos, entre outros). Na última década,

tem-se verificado a degradação do montado, relacionada com o envelhecimento e desadensamento por ausência de regeneração natural, pragas e doenças, com destaque para a fitófтора (*Phytophthora cinnamomi*), podas excessivas, suiniculturas a céu aberto, abandono do sistema silvícola tradicional, práticas agrícolas não adequadas e fogos florestais.

O estado do Ceará na região Nordeste do Brasil, está limitado a Norte com o oceano Atlântico; a Sul, o estado de Pernambuco; a Este, os estados do Rio Grande do Norte e Paraíba e a Oeste, o estado do Piauí. A planície aluvial do rio Groaíras e as margens do rio Bom Jesus (Taperuaba), estão sob o domínio morfoclimático semiárido, associado aos limites de precipitação pluviométrica, adequada às faixas áridas tropicais e subtropicais do planeta. Na classificação de Köppen, o clima é designado como BSw', do tipo quente e semiárido, com seca acentuada variando de 7 a 8 meses. Em termos geomorfológicos, pertencem ao Domínio dos Escudos e Maciços Antigos, com predominância de formas erosivas dissecadas e conservadas, no qual se incluem as planícies aluviais dos rios e ribeiras de regimes intermitentes e torrenciais da Depressão Sertaneja. A maioria dos solos pertence à classe dos Luvissolos Crômicos, Neossolos Litólicos e Gleissolos Melânicos, derivados de rochas cristalinas, delgados e de fertilidade moderada a elevada.

A Floresta Mista Dicótilo-Palmácea, Floresta Estacional Sempre-Verde Aluvial, mata ciliar com carnaúba ou carnaubal, é nativa da região Nordeste. Apresenta maior porte do que a vegetação circundante, com a dominância da carnaúba [*Copemicia prunifera* (Mill.) H.E. Moore], uma palmeira da família *Arecaceae*, com elevada capacidade de adaptação ao calor e endêmica do semiárido da Região Nordeste do Brasil, e poucos efetivos de oiticica [*Microdesmia rígida* (Benth.) Sothers & Prance], endêmica do Brasil. Os carnaubais, em manchas e/ou grupos encontram-se em zonas periodicamente inundáveis, integrados em pequenas propriedades e, frequentemente, associados a agricultura de subsistência. Alguns sub-bosques têm sido desmatados, para facilitar o extrativismo, devido ao valor económico da cera extraída das folhas da carnaúba. Nos que subsistem, nas áreas de transição da planície aluvial para terrenos mais secos, as espécies vão sucedendo, de acordo com a humidade edáfica, que diminui à medida que se caminha para o exterior do carnaúbal. Apelidada como árvore-da-vida, a carnaúba, contribui para a geração de riquezas da população rural do Nordeste. Fornece vários produtos, tais como a madeira para construções e cercas (estipe), a medicina e o sal (raízes), a palha (folha madura), a fibra (folha nova), o artesanato (folhas), a cera (folhas), a alimentação humana e animal (fruto), entre outros.

Em relação aos efeitos de impactos negativos destaca-se o abandono da exploração, desmatamentos, queima de vegetação autóctone para hortas de subsistência, pastoreio extensivo de bovinos e, o mais grave, a bioinvasão da unha-do-diabo (*Cryptostegia madagascariensis* Bojer ex Decne), espécie exótica da família *Apocynaceae*, endêmica da ilha de Madagáscar. É um arbusto trepador, que ocorre desde o nível do mar até regiões mais secas, com preferência por habitats perturbados, áreas de matas ciliares (ripícolas) e/ou sazonalmente alagadas em ambientes tropicais. A situação mais grave verifica-se com a carnaúba que, devido ao ensombramento excessivo, à asfixia e ao estrangulamento provocado pelos ramos trepadores, mata a hospedeira e os indivíduos que estiverem no seu redor devido à queda da palmeira.

Nos dois casos de estudo, o montado e o carnaúbal, foram no passado paisagens naturais que foram alteradas e adaptadas pelo homem. Por apresentarem um elevado grau de alteração no ambiente para o usufruto das sociedades portuguesa e brasileira, poderão ser classificadas como paisagens culturais.

Palavras-chave: montado, Portugal, carnaúbal, Brasil, paisagens culturais.

Bibliografia consultada

- Alves MO. & Coêlho JD. (2019). O extrativismo da carnaúba no Nordeste. Jan. 2019. In book: *Tecnologias de convivência com o Semiárido brasileiro* (pp.1087-1138). Banco do Nordeste do Brasil, 1087-1138 pp.
- Babo EP. (2012). Montado – Património da Humanidade. *Revista Feira do Montado*, Portel XIII Feira Montado, Câmara Municipal de Portel, 26-28 pp.

- Cancela D'Abreu A., Pinto-Correia T. & Oliveira R. (2004). Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental. *Coleção Estudos* 10 (I e V), Lisboa. ISBN 972-8569-28-9
- Carvalho R. & Marques T. (1982). A evolução do conceito de paisagem cultural. *Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT)*. Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, n.º 16 (março): 81-98 pp. [dx.doi.org/10.17127/got/2019.16.004](https://doi.org/10.17127/got/2019.16.004)
- Costa JC., Aguiar C., Capelo JH., Lousã M. & Neto C. (1998). Biogeografia de Portugal Continental. *Quercetea*, ALFA/FIP (0): 5-56 pp.
- Costa A. & Pereira H. (2007). Montados e sobreirais: uma espécie, duas perspectivas. In Sande Silva J (Coord. Ed.) (2007). Os montados - Muito para além das árvores. *Colecção Árvores e Florestas de Portugal* (3): 17-37 pp. Jornal Público / Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento / Liga para a Protecção da Natureza. Lisboa.
- Ferreira DB. (2001). Evolução da paisagem de montado no Alentejo interior ao longo do século XX: Dinâmica e incidências ambientais. *Finisterra*, XXXVI (72): 179-193 pp.
- Fonseca A. (2014). Breve História do Montado. *Revista Memória Alentejana*. CEDA (Centro de Estudos Documentais do Alentejo — Memória Colectiva e Cidadania), n.º 33/34.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). (2012). *Manual Técnico da Vegetação Brasileira*. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais. Rio de Janeiro.
- Pereira MMD. (2009). A flora e vegetação da Serra de Monfurado e dos arredores de Évora e Montemor-o-Novo. *Guineana* 15: 1-316 pp. ISSN: 1135-7924.
- Pinto-Correia T, Ribeiro N. & Potes, J. (coord.). (2013). *Livro Verde dos Montados*, ICAAM, Évora, 61 pp.
- Rivas-Martínez S. (1987). *Memoria del mapa de series de vegetación de España*. ICONA, España.
- Sobrinho JF. (2009). *Geo-história ambiental do Vale do Acaraú*. Edições universitárias, Universidade Estadual Vale do Acaraú, 97 pp.
- Souza EC., Chagas K., Lourenço Y., Pimenta A. & Carnaval T. (2017). *Carnaúba e seus produtos não madeireiros*. 10.31692/2526-7701.IICOINTERPDVAGRO.2017.00044.